

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
I SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**O 'ENCANTO DA CIÊNCIA' E A 'RELIGIÃO CIENTÍFICA': DO CRIADOR AO DEUS,
DA NATUREZA A CULTURA**

Felipe de Souza Pinto
e-mail: felipedesouzapinto@gmail.com

**SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2009**

O 'ENCANTO DA CIÊNCIA' E A 'RELIGIÃO CIENTÍFICA': DO CRIADOR AO DEUS, DA NATUREZA A CULTURA

Felipe de Souza Pinto

e-mail: felipedesouzapinto@gmail.com

Resumo: No presente trabalho, tenho como objetivo compreender como a cosmovisão criacionista constrói uma imagem de realidade sobre a ciência natural evolucionista à partir de pressupostos cristãos e da ciência criacionista. Com isso pretendo demonstrar que a ciência somente pode conviver com a religião caso haja sua conversão, com essa conversão a ciência passa a viver sob seus domínios, tornando-se uma ciência dependente.

Introdução

Esse trabalho examina a imagem criacionista sobre o desenvolvimento da teoria darwinista, à partir do exame de dois artigos de dois periódicos diferentes publicados pela Sociedade Criacionista Brasileira, o primeiro é o “*Implicações Morais do Darwinismo*” de Earl Aagaard¹ publicado pelo periódico *Diálogo*, o segundo é o “*Cosmovisão Criacionista: a estrutura do nosso pensamento*” escrito por Victor M. Armenteros Cruz², e ambos os artigos estão disponíveis no site da Sociedade Criacionista Brasileira. Ambos os artigos constroem uma elaborada oposição entre ao naturalismo em defesa do criacionismo científico, à partir de sua desqualificação moral e os problemas que o desenvolvimento do darwinismo propõe para a vida social. A desqualificação é produzida à partir da leitura cristã da vida e dos padrões sociais estabelecidos por deus, durante a criação do universo.

A desqualificação do natural evolucionismo acaba por produzir uma leitura da ciência que opõe criacionismo e darwinismo, essa oposição me dá justamente a possibilidade de compreender o que afasta a ciência criacionista da naturalista assim como aproxima a primeira do cristianismo. Possibilitando-me a compreensão da conversão científica à religião, e assim a mecânica de criação da cosmovisão criacionista.

¹ Earl Aagaard é Ph.D em biologia pela Colorado State University, atualmente é professo da Pacific Union College

² Victor M. Armenteros Cruz é doutor e professor da Universidade Adventista del Plata.

Para compreender tal fenômeno, parto do conceito de religião, proposto por Geertz, o qual considero de grande valia não só para o entendimento da religião mas também da própria ciência. Pois Geertz apresenta um conceito com um alto nível de abstração, possibilitando articular seus conceitos para conhecer outros conceitos. Geertz, formula, "...a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens cósmicas no plano da experiência humana..."(GEERTZ. 2008.p 67). Ou seja, há um jogo duplo entre experiência e cosmovisão, em que um justifica o outro e o dá sentido. Esse conceito possibilita enxergar a dinâmica social, pois a experiência vai mudando a cosmovisão, assim ela necessita adequar-se ao motivos da experiência e o seu contrário também acontece.

Para a melhor compreensão do que proponho, estabeleço um modelo simples, que coloca em oposição o naturalismo e o criacionismo, assim como demonstra a imagem negativa e a positiva, que as duas contém sobre elas mesmas e uma sobre a outra. Esse modelo é rico, pois permite-nos compreender qual é o lugar em que formula-se a crítica estabelecida pelas ciências *convencionais* sobre o criacionismo. Por ciências convencionais, caracterizo as ciências como a nossa, que tem como um dos objetivos alocar a religião no universo simbólico e retirar seu caráter de *verdade* sobre a compreensão do universo.

Mas não vou aqui estabelecer essa discussão, meu objetivo maior aqui é justamente compreender quais são os locais e as maneiras como o criacionismo estabelece sua crítica sobre o darwinismo e o que dele desenrola-se.

De uma ponta a outra: como distanciar-se ou aproximar-se de deus

O lugar em que encontra-se o darwinismo, na cosmovisão criacionista, representa uma *imagem* da argumentação científica naturalista. Nessa imagem guarda-se toda a cosmovisão que constrói um modelo para a ciência e para a história dos homens, desde o *big bang*, a origem do universo através de uma explosão inicial acidental, até a origem da vida como fruto de uma sucessão de acasos, fruto da existência de uma atmosfera primitiva da terra que contendo os elementos certos, possibilita o surgimento da primeira e mais primitiva forma orgânica que dará origem a toda a diversidade de vida existente na terra.

Darwin não inventou o evolucionismo. Em 1856, três anos antes da publicação de seu livro *Origins of Species*, foi publicada uma série de conferências na cidade de Stuttgart, por Johan J. Bachofen (*Das*

Mutterrecht) nas quais se tratava da evolução das estruturas familiares e políticas. Algo semelhante aconteceu com o texto de Henry Maine, intitulado *Ancient Law*, e seu estudo muito ao gosto de Montesquieu ou de Adam Ferguson sobre a evolução das leis. Como disse Marvin Harris a respeito desses textos: "...(isso) demonstra claramente que não foram as teorias de Darwin as que desencadearam a onda de publicações evolucionistas que começaram a ser produzidas imediatamente após o livro *Origins of Species*." (CRUZ, 2007, p.1)

Darwin inaugura com seu livro *A origem das espécies* em 1859, a preponderância de um pensamento evolutivo do homem. É a esse livro que atribuiu-se, por parte dos criacionistas, a possibilidade de um ancestral comum entre os homens e os macacos, é essa hipótese de grande importância que demonstra para os criacionistas a *amoralidade* das teorias naturais/evolucionistas.

A conexão entre darwinismo e amoralidade é agora explícita. Na *New York Times Magazine* de 3 de novembro de 1997, Stephen Parker escreveu sobre "psicologia evolucionista". Ele nos diz que "filósofos da ética concluíram que... nossos neonatos imaturos não possuem o direito à vida mais do que um camundongo", e alega que "o infanticídio pode ser o produto de trauma maternal" visto "ter sido praticado e aceito na maioria das culturas através da história." Ele assim liga o infanticídio diretamente a nossos ancestrais e à luta pela sobrevivência darwiniana, que por vezes requer que as mães matem seus filhos a fim de promover seu futuro reprodutivo. Em artigos como este, aquilo que outrora era impensável é apresentado como razoável e aceitável. Estamos sendo amaciados para uma mudança na moralidade da comunidade — que mantém que alguns seres humanos merecem respeito e proteção, mas outros não, e podem ser mortos com impunidade. Podemos ver esse processo em operação hoje, nos pronunciamentos acadêmicos, e cada vez mais na mídia popular.(AGAARD, 1999)

Pois ao colocar o homem como descendente de macacos, retira o homem de sua posição privilegiada sobre o mundo e coloca-o dentro da fauna. Isso tem duas implicações importantes e descaracterizadora do homem, o primeiro é o fato de que o homem ao entrar dentro da fauna da Terra, ele torna-se mais um animal – entre tantos –, um selvagem, assim como são os macacos, as onças ou as capivaras. Essa maneira de enxergar o homem apresenta um confronto direto com a posição bíblica

que o criador coloca o homens, como *rei* e *pastor* da Terra, não sendo ele um animal e sim um *mediador* entre a natureza criada e o criador.

A *amoralidade* reside justamente na *animalidade* do homem, ao colocar o homem dentro de um modelo de acidentes e acasos e retirar o criador da história, o homem fica sem padrão de vida a ser seguida. Não sendo possível julgar seus atos, tornando toda a existência baseada na conduta humana e naquilo que ele julga ser correto.

O que esta em jogo aqui, não são os padrões de moralidade diferentes encontrados nos diversos processos civilizadores que as sociedades possuem mas a maneira como o cristianismo os percebe e como os padrões de valores do cristianismo são desfeito pelo darwinismo. Como religião o cristianismo possui elementos fixos de moral para a conduta humana, porém eles alteram-se no tempo, alargando seus sentidos.

Ao desfazer os valores cristãos, o darwinismo, possibilita uma visão relativa do universo, colocando no mesmo patamar crimes e costumes, valores aceitos ou negados pelo cristianismo. Desfazendo todo o valor que a religião possui na vida do homem, colocando o aborto, por exemplo, aberto a discussões sobre a vida. Retirando do feto a sua humanidade. Colocando nas mãos dos homens o direito a retirar a vida de alguém.

A resposta pode ser achada na explicação científica aceita quanto à origem da vida e sua diversidade, uma explicação que deixa fora o Deus da Bíblia. Esta perspectiva é claramente exposta no livro de James Rachels, *Created from Animals: The Moral Implications of Darwinism* (Criado Como Descendente de Animais: As Implicações Morais do darwinismo, New York: Oxford University Press). O autor arrazoa como um adepto da evolução naturalista. Sua conclusão, fortemente documentada, é que o darwinismo subverte a doutrina da dignidade humana. Os seres humanos não ocupam um lugar especial na ordem moral; somos apenas uma outra forma de animal. Esta opinião não é nova. Em 1859, o Bispo Samuel Wilberforce advertiu que o darwinismo era “absolutamente incompatível” com a opinião cristã da condição moral e espiritual do homem. A Igreja Batista do Sul dos Estados Unidos, em 1987, reafirmou a opinião de Wilberforce. Mas não há unanimidade entre os cristãos. Há um século Henry Ward Beecher, o pregador famoso, sugeriu que a perspectiva

evolucionista realçava a glória da criação divina. O Papa João Paulo II está disposto a aceitar o processo evolucionário como o meio usado por Deus para criar o corpo humano (mas não o “espírito”, o qual ele insiste que é objeto da criação imediata de Deus).(AAGARD,1999).

A cosmologia criacionista tem uma visão negativa da idéia de evolução, pois o naturalismo constitui-se exatamente o oposto a ele. Nesse processo ela necessita explicar as origens dessa teoria e suas implicações na conduta humana, mostrando sua *negatividade* à partir de suas noções sobre o mundo ideal. Através de uma explicação dos motivos que levam o homem ao naturalismo, o criacionismo visa fixar o lugar preponderante da religião por sobre a ação humana e seu lugar natural no universo.

Observo aí o dinamismo religioso, veja, antes da consolidação da cosmovisão natural/evolucionista no ensino institucionalizado, o cristianismo detinha o poder de responder as questões sobre as origens do homem. Questões que não contam somente as origens naturais mas as origens sociais dos homens, institucionalizando maneiras de julgar e ver as outras sociedades como *involuídas* – selvagens- pois não conheciam a Palavra verdadeira, estavam eles alheios e por isso os missionários passeiam pela Terra em busca de novos povos para conquistar e mostrar a eles o verdadeiro caminho, o caminho de lavé. Porém com sua saída do pensamento científico, a ciência desnatura os processos sociais, colocando-os dentro de uma construção totalmente humana e relativa, possibilitando o ‘respeito’ a cultura alheia e a leitura relativa dos crimes e costumes. Crimes e costumes, aqui, representa tudo aquilo que é tabu para os cristãos e aquilo que é aceito como conduta correta.

A conduta de vida é a questão principal da religião, o cristianismo perde assim sua função, se não a perde por completo é devido a possibilidade de existência da religião que a ciência possui. O cristianismo ve-se assim, com a necessidade de dar conta do processo natural, ele une o que a ciência separa. Resgatando os valores morais da própria existência.

Em “Quão Diferentes são os Seres Humanos dos Animais?” Rachels conclui que o darwinismo destrói qualquer fundamento para uma diferença moralmente significativa entre seres humanos e animais. Se o homem descende de símios por seleção natural, ele pode ser fisicamente diferente de símios, mas não pode sê-lo de modo essencial. Certamente não pode ser em qualquer aspecto que dê ao

homem mais direitos do que a qualquer animal. Nas palavras de Rachels, “não se pode fazer distinções em moralidade onde nenhuma existe de fato”. Ele chama sua doutrina de “individualismo moral”, e rejeita “a doutrina tradicional da dignidade humana” junto com a idéia de que a vida humana tenha qualquer valor inerente que os seres não humanos careçam.(AAGAARD. 1999)

Vejam como o cristianismo dá conta de fazer isso, é justamente um momento depois do gênesis que essa possibilidade acontece. Ao comer o fruto proibido do conhecimento do bem e do mal, o homem acaba por perder a ligação direta que ele tem como deus. Perdendo essa completude, o homem animaliza-se tornando-se somente carne. A carne, é o animal é a parte do homem que reside somente na natureza criada, um homem morto espiritualmente consegue apenas pensar à partir de uma visão materialista. Assim ele acaba por desviar-se da verdadeira Palavra e da intencionalidade inicial, criando novas maneiras de enxergar o universo. Nesse sentido, uma teoria que versa somente sobre a natureza versa somente sobre a animalidade do homens, construindo algo incompleto. Ela é parte então da vida daqueles que distanciam-se de deus, assim são eles *não-cristãos*, parte de um processo já descrito da história da Bíblia Sagrado e que pode ser analisado por completo, através de uma leitura atenta da mesma.

“Quando moralistas cristãos chegam às mesmas conclusões que os darwinistas sobre nossas obrigações para com o nosso próximo, é tempo de pensar cuidadosamente. Deus nos criou, e Ele conhece o mal de que somos capazes. Por esta razão, Ele nos instruiu a tratar todos os seres humanos como dignos de respeito. Nem o “individualismo moral” nem a ética da “personalidade” é compatível com a interpretação tradicional das Escrituras, e isso deveria ser razão suficiente para rejeitá-los. Mas, além disso, para aqueles cuja fé é fraca, a história oferece muitas demonstrações de que antes de qualquer matança tem havido uma divisão da população em “nosso grupo” (protegido) e “os demais” (não protegidos) que torna permissível ir adiante com a matança. A maior parte dos moralistas relativistas não tem esta intenção. Estão simplesmente tentando criar uma base não-dogmática, racionalista para um comportamento que eles julgam apropriado. (AAGAARD,1999).

Veja que o darwinismo apresenta-se como incompatível com uma leitura atenta das Escrituras, sendo assim ele apresenta-se errado ou melhor *desviante*, pois através

da conversão pode-se voltar ao caminho correto. Desviante é tudo aquilo que foge a regra estabelecida do cristianismo, representando tudo aquilo que é errado. Por outro lado a conversão permite voltar ao caminho correto e assim fazer parte da *intenção* inicial do criador, para com o homem.

A possibilidade de retornar ao *padrão* é dado pela *universalidade* que o cristianismo possui. Essa universalidade é dada pela vinda de Jesus Cristo, Jesus é um mediador entre lavé e os homens, que repõe a comunhão perdida, recompletando o homem, seu espírito. Essa dimensão do cristianismo é importante pois é ela que realoca a *visão de mundo* judaica sobre o mundo e seus vizinhos para um entendimento sobre todos os povos da Terra, estendendo seu ideal de costume a todos.

Nesse sentido e relembrando a idéia de morte espiritual, tem-se, uma divisão do homem entre *crístãos* e *não-crístão*, ou melhor dizendo, entre *vivos* e *mortos*. Sendo vivos, os crístãos e mortos, aqueles que não o são e os que o negam. É dessa idéia que advém uma postura inferiorizante da cosmovisão naturalista.

No processo esquematizado pelo Evolucionismo é fácil concluir que o interesse de grandes comunidades religiosas para manter sua identidade monoteísta deve ser qualificado como fundamentalismo e, portanto, processo evolutivo anterior ao da racionalidade – processo a ser evitado e desqualificado. A percepção do religiosamente modificado (seja por uma involução em direção à animalidade ou em direção à alienação) gera no criacionista, entretanto, um desejo de mostrar o modelo original em direção ao qual se pode avançar para se encontrar com sua verdadeira identidade. Enquanto que, numa primeira proposta, o clímax de todo o processo religioso é o homem e sua independência moral, na proposta criacionista, muito ao contrário, o ser humano é uma criatura dependente, que acha nesta dependência a sua identidade e seu crescimento.(CRUZ.2007 p 2)

Assim também, toda tentativa de cosmovisão que não esteja em concordância com as Escrituras sagradas, ganha um sentido *morto*, desprovido de sentidos e distante de deus. O naturalismo é *morto*, enquanto o criacionismo é *vivo*.

Assim apresento a posição *positiva* e *negativa* dessas duas cosmovisões, à partir do criacionismo. São elas extremos opostos de uma gradação em que *vivo* é o extremo *positivo* mais perto das Escrituras e o *morto* é o negativo, o polo mais extremo e longe da verdade das Escrituras. Essa gradação diz respeito não só respeito a teoria em si, mas em um conjunto de valores e construções que aproximam e distanciam-se do cristianismo.

Polo positivo (+)-----Polo negativo (-)

Criacionismo (Cristianismo)

Darwinismo (Naturalismo)

A proximidade com o polo positivo versa sobre a completude do homem, enquanto o polo negativa é o lado mais animalizado do homem, e por animalizado, tem-se o reino de um mundo morto e completamente humano, relativador dos crimes e costumes, assim como lado *involuído* da trajetória humana. É justamente essa negativamente, que cristianismo tem como missão resgatar a *positividade* dos *involuídos*, retirando o caráter negativo que baliza as instituições sociais e ajudar os homens a conhecerem o caminho correto. Missão cristão por excelência, dada por Jesus Cristo em seu tempo e viabilizada pelo batismo no Espírito Santo, que após a morte e ressurreição de Cristo possibilita os apóstolos falarem línguas diversas e expalhar o evangelho, as boas novas.

Veja quanto mais o naturalismo ganha espaço e se coloca como ponto essencial para o conhecimento científico, e mais que isso, faz desse papel seu espaço privado e mede o quão científico é uma teoria à partir de suas próprias noções. O cristianismo necessita explicar o desenvolvimento desse conhecimento, através da agregação da história de desenvolvimento dele dentro de sua cosmovisão. Assim também ele necessita transformar-se agregando a seu conjunto de compreensão o universo científico. É nesse princípio que surgem no decorrer da história, os grupos criacionistas, que unem religião e ciência e tentam comprovar cientificamente as histórias contidas na Bíblia Sagrada.

Assim posso trazer pela primeira vez o argumento de Geertz sobre a religião, dizendo que ela ajusta as ações humanas dentro de uma ordem cósmica, assim como ajusta a ordem cósmica as ações humanas. Utilizando esse compreensão posso levantar a idéia de que as ações humanas embora respaldadas dentro de uma ordem de sentidos, ela nunca é a mesma, assim como nunca uma só. O próprio desenvolvimento da sociedade modela e remodela as construções das ordens

cósmicas à partir do desenvolvimento da ordem vivida, assim como o seu contrário. Acontece assim a interação entre a ordem vivida – ação – e a ordem cósmica, que gera o dinamismo da sociedade.

Ordem cósmica aqui, é o conjunto conceitual do cristianismo que dá sentido a ação humana, guiado por esse conjunto simbólico e o homem no campo da experiência – o campo da ação humana – necessita dar conta de adaptar sua visão ao conhecimento e as novidades que acontecem. Para tal constrói e reconstrói a própria ordem cósmica, ela é trabalhada dentro de seus próprios termos e por isso ela parece sempre a mesma. Ou seja a impressão que nós temos é que o cristianismo *foi* o que esta *sendo* e sempre *será*.

É dessa maneira que o cristianismo constrói a cosmovisão criacionista, tornando-se sempre a mesma ao mesmo tempo que consegue dar sentido a ação humana diante das novidades do advento da ascensão do naturalismo. Para Geertz, os padrões culturais tem dois aspectos, a realidade manipula o símbolo, assim como o símbolo manipula a realidade. A realidade não sendo sempre a mesma faz com o que o símbolo também não o seja, assim pode esses dois aspectos compreender ao mesmo tempo em que cria cultura.

O cristianismo forma um *modelo de realidade*, ao descrever o universo em sua totalidade, levando em consideração o que apresentei acima, a realidade cristã nunca é a mesma esta em constante transformação. Assim como também transforma os motivos da ação humana, sempre baseado na tentativa de manter as palavras de Jesus Cristo em suas origens.

Como assim? Ao transformar o *modelo de realidade* assim como a *ordem cósmica*, o cristianismo tranforma a história no qual se baseia. A bíblia sendo a base histórica do cristianismo, não muda, o que muda são os sentidos a ela atribuido esses sentidos modificam e remodelam a visão que dela temos. A história de Jesus no momento em que vive é vista de uma maneira, assim como hoje ela é vista com outros olhos. História essa que constitui a história do cristianismo, que corrobora com sua base judaica. Advém da tradição judaica, raiz do cristianismo, a notícia de que deus traria seu filho para salvar o homem de seus pecados e restaurar a comunhão entre eles. Porém no judaísmo, essa promessa não foi cumprida, no cristianismo sim, e Cristo é seu cumprimento.

Vejamos, essas são duas maneiras de compreender o acontecimento Jesus, à partir de dois sistemas que embora um derivado do outro acabam por constituir-se como cosmovisões diferentes. Hoje desenha-se a história do cristianismo como predestinado a preponderar no pensamento humano, como se lá no início da história dos apóstolos, eles já soubessem, da dimensão que o cristianismo teria hoje. Parece-me um anacronismo, uma leitura do passado à partir das características do presente, formulando uma leitura sempre nova do passado que liga-se diretamente com a maneira de pensar do presente, e o presente nunca é o mesmo é justamente a experiência. Ou melhor, da formulação do cristianismo no presente.

Para concluir o trabalho, digo que, o cristianismo consegue através de um movimento que envolve movimenta experiência e cosmologia para explicar como o cristianismo articula-se com o desenvolvimento social e com as novas *imagens de realidade*. Esse movimento explica o primeiro passo do cristianismo em busca de se manter em seu lugar no pensamento humano, assim como mostra como ele se renova e ao renovar-se agrega e desenvolve novos sentidos dentro da sua construção. Adequando as novidades dentro de sua cosmologia, o cristianismo consegue agregar o pensamento científico, que vai aos poucos preponderando no pensamento humano, configurando-o a sua maneira.

Bibliografia

AAGAARD, Earl.. As implicações morais do darwinismo. *Diálogo*, 11(2), 1999, 5-7.

CRUZ, Victor Armenteros. *Cosmovisão criacionista: A estrutura de nosso pensamento*. n. 14, segundo semestre 2007.

GEERTZ, Clifford. Descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. IN. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Editora LCT, 1989.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. IN. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Editora LCT, 1989.